

Diálogo de Berta Ribeiro com a arqueologia e as tecnologias perecíveis

Berta Ribeiro's dialogue with archaeology and perishable technologies

IGOR MORAIS MARIANO RODRIGUES

FABIOLA ANDRÉA SILVA

RESUMO

O artigo trata da importância da produção intelectual de Berta Ribeiro para a arqueologia brasileira. Apresentamos um breve panorama histórico das aproximações e distanciamentos entre a antropologia e a arqueologia feitas no Brasil, com ênfase no século XX, para destacar a contribuição de Berta Ribeiro no sentido de reaproximar ambas as disciplinas. Argumentamos que a etnóloga esteve atenta às produções arqueológicas de seu tempo. Ela dialogou de forma efetiva e direta com a arqueologia em diversos trabalhos sobre a cultura material e, principalmente, ao sintetizar informações etnográficas para auxiliar as pesquisas arqueológicas voltadas aos contextos indígenas. De modo geral, a perspectiva multidisciplinar de Berta Ribeiro legou importantes proposições e reflexões para o estudo da cultura material, assim como para a construção das histórias indígenas vinculadas às perspectivas ecológicas desses povos da floresta. De forma particular, demonstramos que ela lidou com o conceito de *estilo tecnológico* para se aprofundar, em distintas escalas de análise, em estudos sobre as tecnologias perecíveis, com ênfase especial nas que são feitas com base no que a etnóloga denominou de “plantas artesanais”.

Palavras-chave: Berta Ribeiro; antropologia e arqueologia; tecnologias perecíveis.

ABSTRACT

The paper deals with the importance of Berta Ribeiro's intellectual production for Brazilian archaeology. We present a brief historical overview of the closeness and distance between anthropology and archaeology in Brazil, with an emphasis on the 20th century, in order to highlight Berta Ribeiro's contribution to bringing the two disciplines closer together. We argue that the ethnologist was aware of the archaeological productions of her time. She engaged in an effective and direct dialogue with archaeology in various works on material culture and, above all, by synthesising ethnographic information to support archaeological research into indigenous contexts. In general, Berta Ribeiro's multidisciplinary perspective has left important propositions and reflections for the study of material culture, as well as for the construction of indigenous histories linked to the ecological perspectives of these rainforest peoples. In particular, we demonstrate that she used the concept of *technological style* to delve deeper, at different scales of analysis, into studies of perishable technologies, with special emphasis on those made from what the ethnologist called “handcrafted plants”.

Key words: Berta Ribeiro; anthropology and archaeology; perishable technologies.

INTRODUÇÃO

Este texto apresenta reflexões sobre a importância da produção intelectual de Berta Ribeiro (1924-1997) para a arqueologia brasileira. Realçamos os principais esforços dessa autora em dialogar com esta disciplina, demonstrando o quanto ela estava atenta às produções arqueológicas de seu tempo, tanto no que se refere aos estudos de tecnologias perecíveis¹, como no que tange à construção das histórias indígenas e às perspectivas ecológicas desses povos da floresta, especialmente no que refere aos seus conhecimentos agroflorestais.

Os interesses de Berta Ribeiro sobre as diferentes tecnologias e objetos indígenas, bem como sobre os seus conhecimentos a respeito do manejo de plantas e a transformação e preservação das florestas, são de total interesse para os debates atuais na arqueologia e, também, para os estudos sobre as tecnologias perecíveis. Assim, o seu diálogo com a arqueologia merece ser revisitado, sobretudo por ter ocorrido no decênio de 1980, um período no qual a antropologia e a arqueologia, no Brasil, estavam se reaproximando, sendo motivadas por interesses comuns de pesquisa. Alguns trabalhos de Berta foram pioneiros nesse processo de reaproximação e nesse diálogo renovado entre ambas as disciplinas (p.ex. Ribeiro, 1980, 1985a, 1985b, 1989; Ribeiro; Velthem, 1992). Ao explicitar a sua vontade de estabelecer um diálogo com a arqueologia, Berta Ribeiro (1990) publicou “Perspectivas Etnológicas para Arqueólogos (1957-1988)”, que também foi disponibilizado em uma coletânea editada por Betty Meggers (1992)². O título e o conteúdo desse artigo de Berta Ribeiro serviram de inspiração para o presente texto que, sobremaneira, revisita o legado da etnóloga para um tema ainda pouco tratado na arqueologia realizada em nosso país: as tecnologias perecíveis, sobretudo, as de origem vegetal.

¹ A noção de tecnologias perecíveis, utilizada em estudos de arqueologia, engloba os “conhecimentos técnicos relativos aos materiais de origem animal e vegetal, como conchas, ossos, chifres, dentes, couro, pelos, tendões, penas e plumas, assim como madeiras e diversos vegetais usados na fiação (que pode também se valer de materiais de origem animal), tecelagem, trançados/cestaria, cordoaria e derivados (como as redes), entre outras produções com fibras e resinas” (RODRIGUES; COSTA; SILVA, 2021, p. 4).

² O livro é fruto de apresentações realizadas no âmbito de um simpósio comemorativo do *National Museum of Natural History*, da Smithsonian Institution, realizado em Washington, no dia 14 de outubro de 1988. Na ocasião, participaram diversos pesquisadores importantes, como Luis G. Lumbreras, Lilia Cheuiche Machado, Altair Sales Barbosa, Ondemar Dias Jr, Celso Perota, Eurico Miller, Denis Williams, dentre outros.

Iniciamos destacando a importância da obra de Berta Ribeiro para o estudo da cultura material dos povos indígenas das Terras Baixas da América do Sul. Para a melhor compreensão histórica da contribuição de Berta Ribeiro elaboramos um panorama sucinto das aproximações e distanciamentos entre a antropologia e a arqueologia no Brasil. Em seguida, evidenciamos os diálogos entre antropologia e arqueologia estabelecidos pela etnóloga e, por fim, demonstramos como o conceito de “estilo tecnológico” (Lechtman, 1977) foi utilizado por Berta Ribeiro no estudo das tecnologias perecíveis.

1. A IMPORTÂNCIA DA OBRA DE BERTA RIBEIRO PARA O ESTUDO DA CULTURA MATERIAL DOS POVOS INDÍGENAS

Enquanto arqueólogos dedicados a estudar a história e os modos de vida dos povos indígenas das Terras Baixas da América do Sul, parece-nos fundamental dialogar com a etnologia indígena e, em especial, com a produção de Berta Ribeiro que muito nos influenciou. Igor Rodrigues recorreu ao trabalho desta etnóloga sobre têxteis (Ribeiro, 1986a) para realizar analogias etnográficas sobre os possíveis usos de rodela de cerâmica encontradas no sítio arqueológico Vereda III, na região de Lagoa Santa, em Minas Gerais, propondo que elas poderiam ter sido usadas como tortuais de fusos para a produção de fios (Rodrigues, 2011, 2014). Ele, também, utilizou os trabalhos de Berta Ribeiro sobre os trançados (Ribeiro, 1980, 1985a) durante a sua pesquisa etnoarqueológica a respeito dos objetos e das técnicas de trançados *wai wai* (Rodrigues, 2020, 2021, 2022). Os referidos trabalhos de Berta foram importantes para a descrição de técnicas dos trançados, com atenção especial para pormenores técnicos em perspectiva comparativa, assim como para o estabelecimento de tipologias de artefatos e para reflexões em torno da relação entre trançar e grafar. Fabíola Silva, por sua vez, utilizou os trabalhos de Berta Ribeiro (1980, 1985a, 1986b) em sua pesquisa etnoarqueológica sobre os trançados *xikrin* e sobre a cerâmica e os trançados *asurini* (Silva, 2000). Esses trabalhos foram cruciais para a identificação e descrição das técnicas de trançado *xikrin* e *asurini* e para a definição da tipologia dos cestos usados por esses povos indígenas. Além disso, o trabalho etnográfico desta etnóloga (Ribeiro, 1982), junto ao povo *Asurini* do Xingu, subsidiou reflexões etnoarqueológicas sobre a sua história de ocupação territorial (Silva; Noelli, 2015) e as transformações no seu conjunto artefactual cerâmico (Silva, 2019), bem como sobre as causas da perda de alguns de seus cultivares durante o período pós-contato com os não-indígenas (Cascon *et al.*, 2022). Para além disso, o trabalho de Berta Ribeiro também tem influenciado de forma decisiva os nossos estudos de coleções etnográficas cujo objetivo

tem sido buscar compreender as causas da variabilidade artefactual e as transformações e persistências — das técnicas e morfologias — nos/dos conjuntos artefatuais ao longo do tempo (Gaspar; Rodrigues, 2020; Rodrigues; Gaspar, 2020; Rodrigues; Wai Wai, 2024; Silva, 2007, 2009; Silva, 2011).

Por ter estudado diversas manifestações da cultura material, convivido com e aprendido sobre distintas técnicas e materiais com diferentes povos indígenas, sobretudo os habitantes dos rios Negro e Xingu, Berta Ribeiro produziu obras multidisciplinares que, para além da antropologia, incluíam interesses da etnobiologia, museologia, arqueologia e história. Indubitavelmente, isso reflete a trajetória de pesquisa da autora que deixou um importante legado para a taxonomia dos objetos e para a análise de aspectos funcionais, simbólicos, estéticos e históricos de diversos conjuntos e categorias artefatuais. Ela estudou a plumária (Ribeiro, 1957; Ribeiro; Ribeiro, 1957), os trançados (Ribeiro, 1980, 1985a), a cordoaria e a tecelagem (Ribeiro, 1984/85, 1986a), os grafismos e a linguagem visual contidos nos objetos (Ribeiro, 1989; Ribeiro, 1992). Ademais, elaborou sínteses profundas sobre a cultura material e sua linguagem simbólica (Ribeiro, 1985b, 1986c, 1989), utilizando-se de coleções etnográficas e entendendo as mesmas como documentos históricos de interesse para a antropologia, arqueologia, etno-história e museologia (Ribeiro; Velthem, 1992). Ela, também, produziu obras de grande fôlego, como a coordenação dos três volumes publicados da “Suma Etnológica Brasileira” (Etnobiologia, Tecnologia Indígena e Arte Índia)³, editados por Darcy Ribeiro (1986), e o imprescindível “Dicionário do Artesanato Indígena” (Ribeiro, 1988).

Os volumes da “Suma Etnológica Brasileira” são mais do que a simples tradução de partes do *Handbook of South American Indians*, organizado por Julian Steward, no decênio de 1940, pois essas obras, somadas ao referido Dicionário, “constituem bases metodológicas e classificatórias indispensáveis nas pesquisas de cultura material e na documentação etnomuseológica dos acervos etnográficos” (Velthem, 1997, p. 367). As obras de Berta Ribeiro, segundo Velthem (1997), refletem a sua vasta convivência e experiência com diversos povos indígenas de norte a sul do Brasil, além das suas qualidades de coletora e excelente leitora e classificadora de objetos.

Berta Ribeiro abriu diversos caminhos para a pesquisa, o reconhecimento e a valorização dos ancestrais conhecimentos e artes indígenas, antecipando muitos dos temas

³ No âmbito do projeto de publicação da “Suma Etnológica”, estavam previstos mais quatro volumes que não foram publicados, sendo que um deles seria dedicado à arqueologia brasileira.

que estão em voga na antropologia hodierna. Por causa disso, ela foi considerada uma “antropóloga do futuro” (Demarchi, 2018) visto que desenvolveu práticas e temas, em suas pesquisas e trabalhos, que só viriam a ser adotados e aprofundados anos depois por outros etnólogos. Como exemplos, Dermachi (2018) mencionou a sua experiência de pesquisa compartilhada com indígenas, que resultou na publicação do livro “Antes o Mundo não Existia: a Mitologia Heroica dos Índios Desana” (1980), de autoria de Umusin Pârômuru e de Tõrãmũ Kêríri⁴. Ou, ainda, o desenvolvimento de metodologias de estudo e de classificações para a diversa cultura material indígena, buscando também compreender o simbolismo e as formas de expressão de etnicidade manifestos nos mais variados objetos. Recentemente, França (2023)⁵ constatou que Berta Ribeiro antecipou debates referentes à conservação da biodiversidade, relacionando a importância dos conhecimentos indígenas para o convívio harmônico e sustentável com o meio ambiente. Somada a tudo isso está a dedicação de Berta ao estudo das relações dos humanos com os vegetais que, por sua vez, antecipa a assim chamada “virada vegetal”, que somente viria a ocorrer no início do século XXI (cf. Massaro, 2023).

Tal “virada” se encontra em pleno desenvolvimento, no país, tanto na antropologia (p.ex. Cabral de Oliveira, 2012; Morim de Lima, 2017; Scaramuzzi, 2020) como na arqueologia (p.ex. Caromano, 2018; Cascon, 2017; Cascon *et al.*, 2022; Medeiros da Silva *et al.*, 2021; Shock; Moraes, 2019; Silva, 2000, 2009, 2011, 2021; Watling *et al.*, 2018; Rodrigues, 2021). Assim, a sensibilidade de Berta Ribeiro em suas etnografias para com o mundo vegetal se assemelha às propostas recentes de etnografia multiespécie, pois na produção dessa autora as plantas sempre estiveram presentes em suas reflexões junto aos povos indígenas (Massaro, 2023).

Como argumentado por Rodrigues, Costa e Silva (2021), as reflexões de Berta Ribeiro são de suma importância para tratar das tecnologias percíveis, com particular ênfase nas tecnologias vegetais, tanto para perspectivas etnográficas quanto arqueológicas. O aprendizado da etnóloga, junto a diferentes povos indígenas, sobre as técnicas relacionadas com as plantas, para além dos aspectos alimentares, ficou mais explícito ao

⁴ Os nomes também podem estar escritos da seguinte forma: Umusi Pârökumu e Tolamãn Kêhíri. Segundo estudos recentes (França, 2023; Massaro, 2023), trata-se do primeiro livro de autoria indígena publicado no Brasil, tendo sido concretizado por meio dos esforços de Berta Ribeiro, na revisão, datilografia e produção.

⁵ O trabalho reúne entrevistas realizadas com Lux Vidal, Lucia van Velthem, Marco Antonio Gonçalves, Ione Couto, Regina Müller, Carlos Levinho, Renato Athias, João Pacheco de Oliveira e Cacique Carlos Tukano.

longo do tempo. Em sua tese de doutorado, ela evidenciou os motivos de conceber os povos indígenas enquanto “civilização vegetal” (Ribeiro, 1980, p. 5), dado o profundo conhecimento indígena sobre os vegetais e sua adequação perfeita ao ambiente tropical em que habitam. Posteriormente, Berta Ribeiro (1993) argumentou que os povos indígenas das terras altas e baixas da América do Sul, da América Central e do México priorizaram a domesticação da flora, ao invés da fauna, sendo detentores de um grande repertório vegetal para a base alimentar, o consumo de frutas cultivadas e silvestres, além de amplos usos industriais, como fibras têxteis, plantas tintórias, oleaginosas, olorosas, inseticidas, fungicidas, lubrificantes, estimulantes, alucinógenas, medicinais, afora a polivalência das palmeiras, em particular. Em seu último livro, Berta Ribeiro (1995) utilizou o termo “plantas artesanais” dentro do vasto conhecimento etnobotânico *desâna*, destacando a baixa quantidade de estudos etnográficos sobre o tema. Dentre essas plantas artesanais, e alguns de seus produtos, encontram-se cipós, enviras, marantáceas, gramíneas, palmeiras, madeiras, breu, mordentes, pigmentos e outros elementos de origem vegetal que são usados para a produção e decoração de um dos principais materiais de investigação da arqueologia: a cerâmica.

Se é evidente que Berta Ribeiro esteve à frente de seu tempo em diversos temas, abrindo caminhos para muitas discussões atuais, realçaremos a seguir seus esforços em estar atenta à produção arqueológica de sua época e, ademais, em dialogar com essa disciplina. Além de recorrer aos trabalhos de arqueologia para tratar de sua principal especialidade, a cultura material, a etnóloga, em contrapartida, também reuniu informações capazes de contribuir com as peculiaridades de fontes para a arqueologia, visto ter ciência dos desafios que esta disciplina enfrenta na região tropical. Não obstante, é importante recordarmos, de forma sucinta, o contexto histórico das relações entre antropologia e arqueologia no Brasil, para melhor compreender a importância da produção de Berta Ribeiro.

2. UM BREVE PANORAMA HISTÓRICO DAS APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS ENTRE A ANTROPOLOGIA E A ARQUEOLOGIA NO BRASIL

O final do século XIX e o início do século XX definem um período de efervescentes debates no âmbito das disciplinas da arqueologia e da antropologia (etnologia e antropologia física) no país. Ambas as disciplinas estavam alinhadas em suas agendas de

investigações, buscando explicar a origem e a antiguidade do “homem americano”, bem como tentando compreender as causas da diversidade racial e cultural das populações “nativas”. Neste ínterim, a etnologia e a antropologia física também começavam a investigar a população negra e os outros “tipos humanos” que ocupavam as regiões do país (p.ex. sertanejos e camponeses) (Barreto, 1999; Ferreira, 2006, 2009; Keuller, 2012; Schwarcz, 2000; Souza, 2016). É importante dizer que, neste período, a presença de etnólogos de origem germânica era proeminente em nosso país, sendo que seus estudos se caracterizavam pelo empirismo e por uma preocupação salvacionista das culturas indígenas. As suas investigações visavam identificar a possível relação entre a distribuição espacial de línguas e povos indígenas, inferir as áreas geográficas de origem e as rotas de migrações das populações indígenas e, também, comparavam “traços culturais” de povos ocupando determinadas áreas geográficas a fim de reconhecer processos regionais de desenvolvimento e contatos culturais e compreender histórias culturais. Vários desses etnólogos produziram dados e interpretações de interesse para a arqueologia (Silva, 2024, p.28-39).

Neste período, entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, também ocorreu a institucionalização das disciplinas da arqueologia e da antropologia, no âmbito dos museus. Ou seja, nessas instituições foram acolhidas as primeiras gerações de profissionais dedicados aos estudos antropológicos e arqueológicos, sendo que tais instituições abrigaram os acervos oriundos desses estudos; esse período foi definido como a “era dos museus”⁶. A agenda comum de pesquisas da antropologia e da arqueologia se manteve até os anos de 1930, especialmente por influência da etnologia alemã. Assim, antropologia e arqueologia se mantiveram, por várias décadas, dedicadas, sobremaneira, à compreensão da trajetória histórica e cultural das populações indígenas (Ferreira, 2009; 2010; Keuller, 2012; Schwarcz, 2000; Silva, 2024, p. 28-39).

No entanto, a partir da década de 1940, com o declínio da influência dos etnólogos alemães no país e a crescente mudança de interesses de investigação por parte dos antropólogos, vai se enfraquecendo o diálogo entre a arqueologia e a antropologia. Enquanto a arqueologia continuava interessada nas histórias indígenas e na cultura material,

⁶ Cabe dizer que a chamada “era dos museus” finalizou nos anos de 1930 tendo em vista a escassez de recursos para as pesquisas nos museus. Assim, com o tempo, a arqueologia e a antropologia acabaram se institucionalizando no cenário acadêmico e nos institutos especializados. No caso da arqueologia, houve a criação de centros de pesquisa e de capacitação profissional e se passou a investir nas campanhas preservacionistas do patrimônio arqueológico.

a antropologia começou a se dedicar ao estudo do contato entre povos indígenas e a sociedade nacional, ressaltando os temas da miscigenação e da aculturação. Essas pesquisas, juntamente com os estudos sobre as populações negras e as comunidades tradicionais (p.ex. sertanejas, ribeirinhas e camponesas), tiveram destaque na antropologia até os anos de 1950. Os “estudos de comunidades” abriram caminho para os “estudos regionais” que tratavam de temas como o campesinato, as fronteiras de expansão agropecuária, os assalariados rurais, os trabalhadores urbanos. Paralelamente, os estudos antropológicos sobre as populações indígenas, neste período, privilegiaram os aspectos relativos à sua morfologia e organização social, e quase nenhum interesse era manifesto em relação à sua cultura material (Cardoso de Oliveira, 1988; Corrêa, 1997; Melatti, 1984).

As décadas de 1950 e 1960, para a arqueologia, se caracterizaram pela presença de missões científicas de pesquisadoras(es) estrangeiras(os) franceses e estadunidenses, sendo que essas(es) atuaram na formação teórica e metodológica de toda uma geração de arqueólogos(os). Essas missões proporcionaram a profissionalização definitiva da arqueologia brasileira. Alguns trabalhos evidenciam que, por influência dessas missões, a arqueologia brasileira acabou se configurando em uma disciplina sobremaneira técnica e descritiva, e com um debate teórico pouco expressivo. Ela tampouco demonstrava interesse pelas continuidades históricas entre as populações indígenas, do presente e do passado. A pesquisa arqueológica estava direcionada para os “artefatos, camadas estratigráficas e sítios arqueológicos, ao invés de culturas, períodos históricos e assentamentos humanos” (Barreto, 1999, p. 208); pode-se dizer que esta configuração foi uma característica preeminente da arqueologia brasileira até os anos de 1980 e, especialmente, da arqueologia pré-colonial.

Na antropologia, os anos de 1960-1970 testemunharam uma mudança nos estudos sobre a aculturação que haviam sido destacados nas décadas de 1940-1950, sendo que esses foram reorientados para o estudo da chamada fricção interétnica e da etnicidade. Além disso, a década de 1970 testemunhou o surgimento e efetivação da “antropologia da ação”, que aliava a pesquisa antropológica às pautas do indigenismo. Neste período, também foi crescente a influência do estruturalismo francês na etnologia indígena, que, por sua vez, direcionaria os estudos antropológicos para os temas das ontologias, cosmologias e vida ritual dos povos indígenas (Coelho dos Santos, 1997; Melatti, 1984)⁷.

⁷ Além disso, as décadas de sessenta e setenta foi o período da criação dos primeiros programas de pós-graduação para a formação de antropólogos e arqueólogos (Coelho dos Santos, 1997).

Pode-se dizer que, durante os anos de 1950-1980, a arqueologia ficou praticamente alienada dos conhecimentos produzidos pela antropologia e, ao mesmo tempo, afastou-se das lutas dos povos indígenas. Em contrapartida, a antropologia não apenas se desinteressou pelo diálogo com a arqueologia, como ficou afastada do estudo das histórias indígenas e, também, do estudo da cultura material. Refletindo sobre este contexto, Berta Ribeiro (1985b, p. 13) lamentou que o estudo da cultura material indígena tenha sido “relegado a segundo plano”. Posteriormente, ela e Lucia van Velthem ressaltaram que o fato de a antropologia ter ignorado os estudos de cultura material por cerca de 30 anos teria contribuído para que essa área do conhecimento tivesse se tornado domínio da arqueologia e da museologia (Ribeiro; Velthem, 1992).

Esse cenário de falta de diálogo entre a antropologia e a arqueologia começou a se transformar, em nosso país, a partir do final dos anos 1970 e início dos anos 1980, com o surgimento de alguns trabalhos, no âmbito da arqueologia, que buscavam conciliar os dados de pesquisas antropológicas e arqueológicas. Este foi o caso do trabalho de Tom Miller (1978) sobre a tecnologia cerâmica do povo Kaingang, que buscou evidenciar as persistências nas técnicas de produção e morfologias dos conjuntos artefatuais cerâmicos atribuídos a este povo desde o período pré-colonial até o presente. Foi, ainda, o caso dos trabalhos de Irmhild Wüst (1983, 1991) sobre a ocupação e distribuição espacial de populações ceramistas na região Centro-Oeste. Neles, a arqueóloga estava interessada em compreender a história de longa duração do povo Bororo considerando as persistências e transformações no seu padrão de assentamento e subsistência e na sua tecnologia cerâmica desde o período pré-colonial; seus esforços estruturaram o campo da etnoarqueologia, no Brasil. Ainda nos anos de 1980, José Joaquim Justiniano Proenza Brochado (1984) defendeu sua tese, nos Estados Unidos, sobre o tema da expansão dos povos Tupi e, neste trabalho, ele se utilizou de dados arqueológicos, históricos, linguísticos e antropológicos para construir sua argumentação sobre a relação entre cerâmica, língua e povos indígenas, propondo o seu modelo ecológico da expansão dos povos Tupi. Esses trabalhos mostraram como o diálogo entre a arqueologia e a antropologia podia ser extremamente profícuo.

No que se refere à antropologia, as décadas de 1970 e 1980 presenciaram a retomada dos estudos de cultura material. Neste caso, além dos estudos de Berta Ribeiro (p.ex. 1980, 1984/85, 1985b, 1986c), vale mencionar o trabalho de Hartmann (1976) sobre o potencial da cultura material para a compreensão de aspectos históricos das populações indígenas, de Seeger (1980) acerca dos significados dos ornamentos labiais e auriculares dos

Suyá, os trabalhos de Regina Müller e Lux Vidal (1986) sobre pinturas e adornos corporais de vários povos indígenas, os trabalhos de Friel (1973) sobre a cultura material dos *Tiriyó*, de Velthem sobre a plumária *tukano* (1975) e os trançados dos *Wayana* (1998), de Newton (1981) e de Taveira (1982) sobre os trançados, respectivamente, dos *Timbira* e *Karajá*.

Nos anos 1980, a antropologia também demonstrou um renovado interesse pela história indígena e lançou seu olhar para os trabalhos de historiadores e arqueólogos. A publicação do livro “História dos Índios no Brasil” (Carneiro da Cunha, 1992) e, nas décadas seguintes, de outros trabalhos sobre a história indígena (p.ex. Fausto, 2000; Franchetto; Heckenberger, 2001; Ramos; Cayon, 2014) são exemplos deste renovado interesse antropológico. Além disso, a antropologia retomou o estudo sobre as técnicas e as artes indígenas, reafirmando a sua importância na reflexão sobre os modos de vida dos povos indígenas. A publicação do livro “Grafismo Indígena” (Vidal, 1992) é um marco nesta retomada e apresenta, inclusive, um artigo sobre arte rupestre (Pessis; Guidon, 1992). A arqueologia demonstrou interesse por esses estudos antropológicos, sendo que o mesmo se intensificou nesses últimos anos e pode ser observado na crescente profusão de trabalhos arqueológicos sobre o universo estético e simbólico de populações do passado, nos quais são tratados temas como o xamanismo, a corporalidade e as ontologias ameríndias (p.ex. Alves, 2020; Barreto, 2014; Gomes, 2012, 2016). Além disso, a chamada “virada etnográfica”⁸ na arqueologia brasileira intensificou o desenvolvimento de trabalhos no âmbito da etnoarqueologia, etnografia arqueológica, arqueologia do presente, arqueologia etnográfica e antropologia da arqueologia. Nesses trabalhos, o diálogo com a antropologia ocorre no que tange às interpretações sobre a materialidade (p.ex. Abreu e Souza, 2015; Bezerra, 2017; Pouget, 2010; Rodrigues, 2021; Silva, L. 2019), e vários deles, para além do debate arqueológico, também contribuem para os campos da antropologia da arte e das técnicas.

O crescente das pesquisas arqueológicas colaborativas com diferentes populações (p.ex. indígenas, quilombolas, ribeirinhas, sertanejas, camponesas) também tem contribuído para intensificar o diálogo entre as disciplinas na medida em que ambas têm estado envolvidas nas demandas dessas pessoas vulnerabilizadas e que estão engajadas em lutas por autodeterminação e/ou soberania territorial. Na atualidade, arqueólogas(os) e antropólogas(os) têm estado juntas(os) — com diferentes coletivos sociais — na busca pela

⁸ A “virada etnográfica”, em linhas gerais, corresponde a um aumento de práticas arqueológicas feitas de modo articulado com as práticas etnográficas. Para mais detalhes, vide Silva (2024).

formulação de políticas públicas mais inclusivas relativas aos patrimônios culturais do passado e do presente (Silva, 2024, p. 201-266).

3. BERTA RIBEIRO E O DIÁLOGO ENTRE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA

Nesta história de (des)encontros entre a antropologia e a arqueologia, Berta Ribeiro sempre ocupou um lugar de destaque dentre as(os) antropólogas(os). Além de manter o interesse pelos estudos de cultura material, ela buscou, desde os anos de 1950, afirmar o diálogo e contribuir efetivamente para a aproximação entre a antropologia e a arqueologia. Isso pode ser observado especialmente por meio de suas pesquisas focadas na cultura material, a partir de uma perspectiva que unia os estudos das técnicas e da estética.

A aproximação de Berta Ribeiro com a arqueologia aconteceu no início de sua carreira de pesquisadora, no Museu Nacional, em princípios da década de 1950, tendo em vista que ela tinha um objeto de estudo que era comum a esta disciplina: a cultura material e os seus princípios taxonômicos. Em 1953, como estagiária da Divisão de Antropologia da referida instituição, ela lidou com os dilemas da classificação dos adornos plumários. Após sua contratação em 1956, por intermédio do antropólogo e arqueólogo Luiz de Castro Faria — no âmbito dos esforços de reorganização do acervo da Seção de Etnologia do Museu Nacional —, ela se dedicou à produção de fichas para tombamento e descrição da cultura material de procedência etnográfica e arqueológica (França, 2023). Seus esforços de classificação persistiram ao longo de toda a sua carreira, sendo que uma de suas grandes contribuições para o tema é o “Dicionário do Artesanato Indígena” (Ribeiro, 1988).

Neste seu empenho em estudar a cultura material e de tratar dos seus princípios taxonômicos, Berta Ribeiro recorreu a diversas obras de reconhecidos arqueólogos como, por exemplo, André Leroi-Gourhan, Betty Meggers, Donald Lathrap, Gordon Willey, Irving House, Peter Roe, James Adovasio, James Deetz e Ian Hodder. Por mais de uma vez, ela reiterou a importância da arqueologia para o estudo e para a reflexão sobre a cultura material, destacando e incorporando em seus trabalhos os princípios taxonômicos e as tipologias que estavam sendo identificados e criados pela disciplina (p.ex. Ribeiro 1985a; 1985b; 1986c; 1988). Além disso, ela valorizava a contribuição da arqueologia na construção de uma história dos povos indígenas, ressaltando a sua capacidade de fornecer dados fundamentais e profícuos para as análises diacrônicas da cultura material.

Ao lidar com a linguagem e os significados simbólicos da cultura material, Berta Ribeiro (1985b; 1986c) se valeu do trabalho de James Deetz (1967), inspirado na linguística estruturalista, para estudar artefatos arqueológicos. Ela também recorreu a Jean-Claude Gardin (1958) para refletir sobre a equivalência entre artefatos e palavras, no estabelecimento de códigos para a descrição de artefatos. Para pensar questões tecnológicas vinculadas à universalidade das respostas humanas diante de imposições da matéria, incluindo as noções de “tendência” e “fato”, a etnóloga (Ribeiro, 1989) recorreu ao pensamento de Leroi-Gourhan expresso, por exemplo, em “Evolução e técnicas” (1971 [1943]). As obras de Leroi-Gourhan e de Adovasio (1977) também balizaram os trabalhos de Berta Ribeiro (1980; 1985a) devotados aos trançados.

Berta Ribeiro lia os trabalhos arqueológicos ponderando sobre as particularidades dos objetos de estudo, buscando adaptar esses trabalhos aos seus objetivos e propósitos específicos sobre os materiais etnográficos. Ao consultar a obra de Adovasio (1977), por exemplo, ela (Ribeiro, 1985a, p. 22, nota 2) reconheceu ser este o livro mais completo dedicado ao estudo dos trançados publicado até então. Porém, ressaltou, “algumas técnicas que [Adovasio] emprega em sua metodologia se justificam apenas no caso de restos pré-históricos, sendo, a meu ver, desnecessários nos estudos etnográficos”.

Em suas reflexões diacrônicas sobre distintas tecnologias, ela demonstrava estar atenta à produção arqueológica de diferentes pesquisadores. Ao pensar sobre os têxteis (Ribeiro 1985b), ela se utilizou das proposições de Bird (1979) para demonstrar mudanças históricas nas técnicas usadas em artefatos têxteis pré-coloniais, no Peru. Quando abordou a tecnologia cerâmica, os trabalhos de Lima (1986)⁹, Lathrap (1975) e Willey (1949) serviram para reunir informações sobre os usos de antiplásticos, as particularidades de escolhas técnicas e sobre as formas de decorações. A consulta à obra de Willey (1949) também permitiu a Berta Ribeiro fazer a articulação entre a cerâmica e os elementos percíveis da cultura material; no caso, entender a especificidade do uso de impressão de cordoaria na decoração de cerâmicas manufaturadas por povos chaquenos. A etnóloga (Ribeiro, 1988) se valeu da obra de Meggers e Evans (1970) para argumentar sobre a importância da classificação e o estabelecimento de glossários para os estudos de cultura material. Anteriormente, ela afirmara que a terminologia para a cerâmica arqueológica

⁹ Cabe esclarecer que em Ribeiro (1985b) o texto de Tania Andrade Lima, intitulado “Cerâmica indígena brasileira”, aparece com data de 1984, pois estava no prelo no âmbito do volume dois do *Suma Etnológica Brasileira*. Não obstante a obra foi publicada de fato em 1986.

(Chmyz, 1966) também poderia ser aplicada ao estudo das produções indígenas atuais. A sua preocupação para com a compreensão e organização da ampla diversidade da cultura material ameríndia, mantida nos museus, a fez reconhecer que os esforços mais notáveis para o estabelecimento de princípios taxonômicos e tipologias advinham da arqueologia:

[...] arqueólogos têm procurado refinar o vocabulário descritivo de modo a torná-lo o mais convencional possível. Só assim, as informações contidas no objeto — principalmente as variações em forma e ornamentação — poderão ser apropriadamente indexadas e armazenadas” (Ribeiro, 1985b, p. 32).

Em contrapartida, Ribeiro (1988, p. 14) realçou que a arqueologia poderia se beneficiar da sistematização apropriada das coleções e objetos etnográficos, pois os praticantes dessa disciplina “buscam avidamente informações etnográficas que clarifiquem suas análises”. Por compreender, assertivamente, que o estudo das coleções etnográficas unia os interesses da museologia, etnologia, etno-história e arqueologia, Berta Ribeiro (1985b, p. 13) tinha clareza de que esse tipo de fonte “para os arqueólogos, vem a ser a matéria-prima com que, penosamente, procuram reconstituir a vida de povos extintos”.

Ciente, ademais, de que a arqueologia e os estudos de coleções etnográficas lidam com informações muito fragmentadas, Berta Ribeiro e Lúcia van Velthem (1992) argumentaram a favor de abordagens multidisciplinares. Segundo elas, seria fundamental articular o máximo de informações disponíveis para tratar de questões vinculadas às dimensões de espaço e tempo dos objetos. Ainda segundo as autoras, os estudos detalhados de coleções etnográficas poderiam subsidiar as pesquisas sobre estética, ecologia e microtecnologia.

Berta Ribeiro sempre esteve atenta aos debates da arqueologia, sendo que reconheceu o desenvolvimento da etnoarqueologia como uma resposta à falta de interesse da antropologia, em um determinado momento, no estudo da cultura material:

A rarefação dos estudos de cultura material, nos últimos anos, levou os arqueólogos a empreender pesquisas próprias, de campo, para preencher essa lacuna. Dedicados ao estudo do que chamam “arqueologia viva”, os etnoarqueólogos estão tomando a si a tarefa que caberia ao etnólogo. Utilizam, porém, métodos e uma problemática própria. Entre outras, a de pesquisar em campo o que esperam encontrar nas jazidas que exploram: observam o lixo, o descarte de restos de comida e de utensílios que virão a encontrar soterrados, o abate e a carneação de animais, a fabricação de implementos etc. Procedem a estudos quantitativos para explicar porque [sic] se encontra maior quantidade de cerâmica de um determinado tipo do que de outro, qual a ênfase que a sociedade dá a um domínio da cultura e de que forma ela se materializa em artefatos. (Ribeiro, 1985b, p. 28-9)

Todavia, se Berta Ribeiro acompanhava a produção arqueológica contemporânea, ponderando sobre a importância do diálogo interdisciplinar e sobretudo em relação aos temas da cultura material e da tecnologia, em seu artigo intitulado “Perspectivas Etnológicas para Arqueólogos (1957-1988)” (Ribeiro, 1990) ela apresentou um olhar mais amplo, considerando também questões ambientais e ecológicas. Nesse texto a etnóloga demonstrou grande empatia para com as particularidades da arqueologia referente aos povos indígenas da floresta tropical. Ela realizou uma grande síntese, compilando informações sobre manejo, etno-história, estética e tecnologia, sempre com atenção às relações dos humanos com os vegetais, para além da alimentação, indicando como essas “tecnologias vegetais” são centrais para a manutenção das florestas. Assim como em outros trabalhos, nesse diálogo com a arqueologia Berta Ribeiro (1990) escreveu sobre a ideia de sustentabilidade, algo que se faz cada vez mais necessário nos dias atuais.

Ela reuniu diversas informações para subsidiar a pesquisa em arqueologia, com ênfase em populações, à época, com pouco contato com a sociedade nacional. Segundo ela, essas populações seriam relevantes por manterem “características que as aproximam das populações pré-colombianas” (Ribeiro, 1990, p. 17). A sua visão indicava uma vontade de estabelecer conexões entre o presente etnográfico e o passado arqueológico, subsidiando uma abordagem histórica direta fortemente presente nos trabalhos realizados pela etnoarqueologia feita no Brasil, entre os anos 1980 e 1990 (para detalhes, vide Silva, 2024).

Em um esforço de síntese, Berta Ribeiro (1990) reuniu nesse artigo, de 61 páginas, informações que podem ser ordenadas de acordo com quatro interesses principais da

arqueologia: ambiente e etnoecologia; etno-história; cultura material (tecnocultura e etnoestética); “tribos recém-contactadas”.

No âmbito da etnobiologia, a etnóloga expôs, em 13 páginas, informações etnográficas interessantes para a arqueologia pensar sobre as estratégias adaptativas do passado, “dada a precariedade da conservação de evidências materiais na floresta tropical” (Ribeiro, 1990, p. 18). No que tange à etno-história, a autora sintetizou, em pouco mais de nove páginas, estudos referentes à “demografia histórica”, “sistemas de interdependência regional” e “sistemas de troca intertribal”, pensando na articulação entre diferentes áreas e suas respectivas “capacidades de carga”¹⁰. Em relação à cultura material, foram reunidas informações, em 13 páginas, argumentando que sua importância para a arqueologia reside no fato de que os artefatos “espelham estilos de vida, sendo, muitas vezes, os únicos documentos tangíveis, perpetuados mediante representações gráficas e plásticas definidas” (Ribeiro, 1990, p. 18). Sobre os povos de contato recente, Berta Ribeiro distribuiu informações nos outros três temas anteriores, apresentando, em apenas duas páginas e meia, nomes de povos e de regiões por eles habitadas, concluindo que eles oferecem:

[...] à Etnologia e Arqueologia a oportunidade única de, à luz dos conceitos teóricos mais modernos e mediante estudos prolongados em que o pesquisador trata de aprender a comunicar-se com os índios em seu próprio idioma [...], testar esses conceitos e realizar uma descrição etnográfica de grupos quase intocados pela sociedade nacional (Ribeiro, 1990, p. 64).

Berta Ribeiro (1990) organizou as informações sobre etnobiologia dentro dos tópicos “Interação roça/caça”, “Capacidade de carga, Antroposolos e Florestas Culturais”, “Ecossistemas e Demografia”, “Tecnologia de Subsistência e Padrões de Assentamento” e “Outros Tópicos em Etnobiologia”. Informou, por exemplo, os resultados de pesquisas sobre a construção de “ilhas de floresta” no cerrado, ressaltando espécies de plantas importantes para a alimentação e para outros fins, como a tecnologia e a medicina. Ainda mencionou a proposição de Balée (1987) de que as florestas culturais produzidas pela ação humana podem ser consideradas enquanto artefatos arqueológicos.

¹⁰ Termo usado por Berta Ribeiro para a tradução de *carrying capacity* e que também pode ser traduzido como “capacidade de suporte”. Este termo foi utilizado no âmbito da arqueologia processual, de orientação neoevolucionista e funcionalista, para tratar de aspectos relacionados com a adaptabilidade humana em diferentes tipos de meios ambientes; trabalhos como os de Binford (1978) e Higgs e Vita-Finzi (1972) exemplificam o uso e o significado deste termo na arqueologia processual.

No que se refere à etno-história, os temas foram divididos em “Reconstrução histórica”, “dados de natureza ‘ética’ e ‘êmica’”, “As migrações históricas dos grupos Tupi” e “Sistemas de interdependência regional”. De maneira geral, ela distinguiu os estudos fundamentados apenas em fontes históricas daqueles que recorrem às fontes escritas e à memória dos povos indígenas. As informações foram organizadas de acordo com as classificações linguísticas dos povos mencionados. Além disso, Berta Ribeiro apresentou uma terceira vertente, considerada por ela como interdisciplinar e “pioneira”: “A pesquisa etnoarqueológica que está sendo realizada por Viertler e Wüst tem por objetivo proceder a um estudo diacrônico a respeito da formação da sociedade Borôro” (Ribeiro, 1990, p. 43). É notável, portanto, a percepção da etnóloga sobre o potencial da etnoarqueologia para a compreensão da história indígena, articulando informações do presente e do passado.

Em relação aos estudos de tecnoeconomia e etnoestética, os temas foram divididos entre “Tipologia e taxonomia”; “Estudos setoriais: trançados e outros”; “Novos modelos no estudo da difusão”, “Estilos tecnológicos”, “A ‘linguagem’ das representações gráficas” e “Especialização artesanal e o sistema de trocas”. Para Berta, essas trocas são de suma importância para a arqueologia, na medida em que “remontam a períodos pré-colombianos” (Ribeiro, 1990, p. 58). O estudo da cultura material como um todo possibilita pensar relações sociais, culturais e ambientais. Para a autora, é possível vislumbrar aspectos identitários materializados na configuração espacial das aldeias e das casas. Ela destacou, por exemplo, a percepção dos indígenas *tukanos* de que a casa é um corpo humano.

Apoiando-se no método da linguística histórica para pensar objetos e técnicas em termos históricos, Berta Ribeiro reuniu diferentes exemplos para destacar as possibilidades de se pensar a origem de certas técnicas; reconhecer indícios da fusão de distintos povos e seus estilos técnicos; lidar com questões de ensino-aprendizagem; compreender a especialização artesanal e a realização de trocas entre os povos. Ademais, a autora fez algumas indicações sobre a necessidade de estudos sobre a tecnologia da cerâmica arqueológica buscarem compreender características que, de fato, se relacionam com as escolhas culturais, de modo a descartar aquilo que tenha relação com limitações ambientais.

Por fim, como tratado adiante, a dedicação de Berta Ribeiro a análises refinadas sobre diferentes tecnologias indígenas a fez articular amplas e pequenas escalas de estudo, sobretudo para tratar diferentes aspectos das tecnologias percebíveis, como a plumária, os

trançados e a tecelagem. Isso, por sua vez, a aproximou do conceito de “estilo tecnológico” como proposto, sobretudo, pela arqueóloga Heather Lechtman (1977).

4. BERTA RIBEIRO E O CONCEITO DE ESTILO TECNOLÓGICO NO ESTUDO DAS TECNOLOGIAS PERECÍVEIS

Como posto por Lúcia van Velthem (1997) e por Lux Vidal, Regina Müller e Renato Athias em entrevistas dadas a França (2023), Berta Ribeiro tinha um olhar extremamente atento e apurado para a leitura e análise refinada da cultura material. Isso transparece, por exemplo, no seu entendimento (Ribeiro, 1980, 1985a, 1989) de que as casas indígenas podem ser concebidas enquanto grandes cestos, visto que técnicas específicas, como o trançado enlaçado e o trançado torcido, são usadas para a elaboração de estruturas e coberturas das casas. Essa compreensão a fez qualificar os indígenas enquanto “cesteiros-arquitetos”, afinal: “Levantada sempre com materiais vegetais, a casa indígena é com efeito, [sic] um enorme cesto emborcado, cujo exemplo vivo é, atualmente, a casa xinguana” (Ribeiro, 1980, p. 82).

Tal acuidade analítica de detalhes sutis e significativos tem inspiração em autores franceses, como Marcel Mauss, André Leroi-Gourhan e Helene Balfet. Com base neles, Berta Ribeiro (1989) entendia as técnicas como atos tradicionais e conscientes. Em suas descrições etnográficas, por exemplo, sobre a produção de trançados e a tecelagem do alto Xingu (Ribeiro, 1980, 1984/85), é possível notar, implicitamente, a atenção da etnóloga à cadeia operatória, bem como a sua percepção da postura corporal e dos gestos das artesãs e artesãos. O trecho a seguir demonstra bem a incorporação desses aspectos em seu trabalho:

Numa viagem anterior (1977) ao norte do PIX [Parque Indígena do Xingu], tive a oportunidade de assistir, na maloca do índio Kayabí, Tsiravé, a fase final de manufatura de uma rede de tecido torcido. Sentada na rede, a mãe de meu hospedeiro tecia carreiras próximas umas às outras para compactá-la, torcendo dois fios descontínuos da trama, e usando normalmente a rede, enquanto completava a tecedura (Ribeiro, 1984/85, p. 357).

Outrossim, Berta Ribeiro (p.ex. 1985b, 1989) considerava em suas reflexões as imposições da matéria, deixando implícitas as noções de “tendência” e “fato” de Leroi-Gourhan (1971 [1943]), sendo que a primeira possui um caráter inevitável e previsível, ao passo que a segunda é particular e imprevisível. Abaixo, pode-se observar um exemplo de suas inspirações conceituais:

A produção da cerâmica atendeu a uma necessidade humana básica: a cocção de cereais e outros alimentos. Trata-se de uma tendência universal. Entretanto, cada grupo humano imprimiu a essa arte sua “personalidade cultural”. Esta se expressa na decoração da superfície e em algumas formas estereotipadas que permitem a qualquer especialista distinguir a cerâmica dos índios Kadiwéu da dos Kaxináwa. A um “estilo técnico” sobrepõe-se portanto, [sic] um “estilo étnico” (Ribeiro, 1989, p. 38).

Essa passagem indica mais uma vez a aproximação das reflexões de Berta Ribeiro com a noção de “estilo tecnológico”, conceito que ela utiliza em suas reflexões sobre as tecnologias percíveis, como a plumária, os trançados e a tecelagem (p.ex. Ribeiro, 1984/85, 1985b, 1989, 1990). Berta Ribeiro (1989, 1990) recorre ao trabalho *Style in technology: some early thoughts*, de Lechtman (1977), para quem o conceito de estilo tecnológico é importante para tratar de conjuntos artefatuais arqueológicos e etnográficos, podendo, também, fundamentar distintas pesquisas independentemente da escala micro ou macro do estudo:

O comportamento tecnológico é caracterizado por muitos elementos que compõem as atividades tecnológicas — por exemplo, modos técnicos de operação, atitudes em relação aos materiais, alguma organização específica do trabalho, observâncias rituais — elementos que são unificados de forma não aleatória em um complexo de relações formais. É o formato ou “pacote” definido por essas relações que é de natureza estilística, e é o estilo desse comportamento, e não apenas as regras pelas quais qualquer uma de suas atividades constituintes é governada, que é aprendido e transmitido ao longo do tempo” (Lechtman, 1977, p. 6, tradução nossa).

Estilo tecnológico, nesse sentido, pressupõe que as técnicas sejam abordadas com a articulação entre os elementos da cadeia operatória de produção dos objetos e os atributos visuais e formais. Essa articulação evita pensar o estilo apenas como um produto final, algo puramente estético, e trata o estilo como algo que também reside nas escolhas e procedimentos técnicos, socialmente orientados (Lemonnier, 1992). Estilo tecnológico é uma noção que evoca o modo como as pessoas fazem seu trabalho, incluindo suas escolhas em relação aos materiais e técnicas de produção, e como tudo isso está relacionado à aparência e função do que é produzido (Reedy; Reedy, 1994). As formas de ação sobre a matéria e o uso de determinadas técnicas, que contribuem para a produção de algo com morfologia e estética próprias, é que definem um estilo tecnológico. Trata-se, portanto, de um conceito que realça a importância do estudo sobre o processo produtivo e não apenas do objeto em sua forma final. Pensado nesses termos, o estilo equivale a um modo de fazer

específico, que envolve escolhas dentre várias alternativas e, ademais, é próprio de um tempo e um lugar, tornando os estilos tecnológicos bons indicadores de identidades sociais e culturais (Dias; Silva, 2001).

As primeiras aproximações de Berta Ribeiro com o conceito de estilo tecnológico estão no trabalho em que ela trata das mudanças na tecelagem pré-colonial, no Peru. Nele ela mostra que a técnica do entretorcido foi transposta pela técnica do entretecido, após o surgimento da cerâmica e das plantas cultivadas (Ribeiro 1985b). Em um outro estudo comparativo acerca da tecelagem dos povos *Jurúna*, *Kayabi*, *Asurini* e *Araweté*, a etnóloga fez a seguinte afirmação: “Cabe ressaltar, por último, a importância do trabalho de campo como fonte de informação sobre mudança de **estilos tecnológicos** advindos do contato entre grupos indígenas” (Ribeiro, 1984/85, p. 371, grifo nosso).

Posteriormente, além de citar a referida obra de Lechtman, Berta Ribeiro realçou a noção de estilo tecnológico em suas próprias pesquisas de objetos, integrando os processos produtivos, os aspectos visuais e os significados dos artefatos em suas análises comparativas dos conjuntos artefatuais. A inserção de uma seção intitulada “Cultura material como tecnologia” (Ribeiro, 1989, p. 34), dentro de seu livro “Arte Indígena, Linguagem Visual”, é outro exemplo de que ela estava alinhada com uma perspectiva que ultrapassava uma dicotomia entre aspectos produtivos e estéticos, ou entre funcionalidade e estilo. Para Berta Ribeiro era importante estudar as escolhas técnicas responsáveis pela produção dos artefatos. Aspectos da produção e da aparência final eram inseparáveis em sua perspectiva analítica, e isso é visível quando ela sintetiza, nesse livro, os principais resultados de seus estudos sobre a plumária, os trançados e a tecelagem. Valendo-se do método comparativo da linguística-histórica, Berta Ribeiro utilizou as classificações linguísticas dos povos indígenas, bem como recorreu às grandes classificações dos povos com base na ecologia cultural, seguindo a proposição de Julian Steward no *Handbook of South American Indians* (p.ex. “grupos de floresta tropical” e “grupos marginais”) para organizar as informações e realizar análises comparativas de estilos tecnológicos.

Em relação à plumária, Berta Ribeiro distinguiu o estilo Tupi do estilo Macro-Jê, sendo o primeiro caracterizado pelo emprego de pequenas plumas associadas ao tecido, e o segundo definido por utilizar longas penas caudais montadas sobre grandes armações trançadas rijas. Trata-se de macroestilos discriminados pelos materiais e os processos técnicos empregados. Em suas próprias palavras:

Tanto os Tupi como os Macro-Jê podem ser tidos como grupos plumistas por sua cultura dar mais ênfase a essa arte que às demais. Distinguem-se, no entanto, pelo estilo de sua arte plumária. No primeiro caso, realizando obras de detalhe, como as iluminuras ou a ourivesaria, exigindo grande virtuosismo técnico. No segundo, construindo obras de maior porte e efeito cenográfico, como se seus portadores estivessem se exibindo num palco (Ribeiro, 1989, p. 44).

Em seu doutorado, Berta Ribeiro (1980) buscou evidenciar uma diferença entre os trançados dos povos de cultura de floresta tropical e os dos povos campestres, destacando, a partir de uma perspectiva macroestilística, dois estilos bem marcados, ou seja, dos povos que recorrem à tala e dos povos que se valem da palha¹¹. Segundo ela (Ribeiro, 1980; 1989; 1990), os povos de floresta tropical, como os falantes de línguas Tupi, Karib, Arawak e Tukano, empregariam talas de buriti e arumã, recorrendo, geralmente, às técnicas de trançado sarjado e trançado marchetado com combinações infinitas e que tem relação com o “grupo tribal” ou a área cultural; neste caso, ela se utilizou das áreas culturais propostas por Galvão (1960). Esses povos produziram cestos extremamente belos, tanto no que se refere às formas quanto aos padrões gráficos coloridos. Os povos campestres, por sua vez, sobretudo os falantes de língua Jê, como os Kayapó, Timbira e Xavante, faziam trançados com o emprego de palhas advindas, especialmente, da prefoliação do buriti, recorrendo ao trançado costurado, técnica pouco usada por indígenas das Terras Baixas da América do Sul. Tal técnica seria tão compactada de modo a dispensar a impermeabilização na produção de cestos usados como recipientes para líquidos.

Observa-se, assim, que a noção de estilo tecnológico contribuiu para Berta Ribeiro construir panoramas amplos sobre a plumária e os trançados, e que podem ser aprofundados, se olhados numa escala menor, como no estudo comparativo realizado sobre os trançados de povos falantes de língua Karib da região das Guianas (Rodrigues, 2022).

Além disso, as continuidades e mudanças de estilos tecnológicos também foram analisadas a partir da interação entre distintos povos, como se observa na seguinte passagem sobre a tecelagem:

¹¹ O termo palha é utilizado para se referir ao “limbo das folhas da palmeira flabeliforme ou pinulada, extraída do ‘olho’ [...] ou grelo antes de abrir-se.” (Ribeiro, 1986d, p. 319). Já os termos tala, talisca ou lâmina correspondem à “parte córnea do pecíolo da folha do buriti ou do colmo de uma gramínea ou marantácea, descorticada do miolo poroso e laminada para então ser utilizada no trançado. Cada tala, talisca ou lâmina assim obtida é de textura mais rígida que a palha.” (Ibid, p. 320).

Notável foi constatar que um convívio de apenas duas décadas entre os Kayabí e Jurúna no Parque Indígena do Xingú levou à adoção, pelos primeiros, da técnica de tecelagem em tear amazônico — moldura retangular em que o urdume é passado em sentido vertical e a trama horizontalmente — o que possibilita o desenvolvimento de desenhos tão complexos quanto os dos trançados. [...]. Os Kayabí aprenderam a técnica de tecelagem sarjada (*twilled*) dos Jurúna, mas não adotaram a padronagem, certamente porque ela é privativa a outro contexto cultural. Transpuseram para esse novo campo os desenhos altamente elaborados de sua cestaria (Ribeiro, 1989, p. 49).

Caso a etnóloga tivesse considerado apenas a técnica do tear, sem incluir os detalhes do padrão gráfico advindo do processo produtivo, poder-se-ia pensar que os Kayabí simplesmente incorporaram o estilo de tecelagem dos Juruna. Contudo, é justamente a noção de estilo tecnológico que a permitiu refinar sua análise, realçando diferenças sutis na execução de uma mesma técnica, o que define, portanto, um estilo próprio dos Kayabí de execução técnica.

Isso, ademais, realça outra dimensão do conceito de estilo tecnológico proposta por Lechtman (1977), que é a de estabelecer uma comunicação não verbal. Berta Ribeiro (1989, p. 121) também recorreu a esse trabalho para argumentar que a arte indígena precisa ser compreendida enquanto linguagem não verbal, visto que os estilos das produções indígenas são detentores de uma “gramática” inconsciente “tal como os falantes de uma língua não se dão conta das regras gramaticais empregadas ao se expressarem”.

Posteriormente, em suas perspectivas para a arqueologia, Ribeiro (1990) dedicou uma seção, intitulada “Estilo tecnológico”, para argumentar que esse conceito é útil para analisar a cultura material em suas dimensões históricas, ecológicas, linguísticas e etnográficas. Ela retomou seus estudos da plumária e dos trançados, acrescentando o que chamou ser o subestilo de trançado dos povos “silvícola-interioranos”, como os Maku e os Yanomâmi, que se valem de finas fasquias de cipó para fazer cestos com a técnica do entretorcimento.

É notória, portanto, a contribuição de Berta Ribeiro para o estudo das tecnologias percíveis. Além disso, é possível que a percepção de Berta de que as técnicas têm uma dimensão estilística também esteja relacionada com sua dedicação ao estudo dos trançados, da tecelagem e da plumária (que envolve também trançados e tecelagem), afinal “os percíveis ilustram de forma dramática cada etapa do processo de manufatura porque, por ser uma tecnologia aditiva, os próprios atos pelos quais eles são feitos são preservados no produto acabado” (Jolie; Mcbrinn, 2010, p. 155, tradução nossa). Isso, por sua vez, propicia

estudar gestos técnicos e a cadeia operatória produtiva a partir de artefatos acabados, evidenciando que o ato produtivo é, ao mesmo tempo, a construção e o crescimento de um artefato tecido ou trançado, com formas e grafismos próprios. Tecer, trançar, executar padrões gráficos e conformar artefatos derivam da mesma operação técnica, do mesmo ato produtivo. Essas tecnologias percíveis nos mostram que não há como separar aspectos práticos da manufatura dos aspectos estéticos e morfológicos. Nesse sentido, é compreensível o entendimento de que trançados e tecelagem sejam considerados indicadores-chave de estilos técnicos aprendidos (Stone, 2011) e de que o conceito de estilo tecnológico possibilita a análise pormenorizada de atributos de baixa visibilidade, como pequenos detalhes da manufatura (Webster, 2011), algo que, como vimos, fazia parte das análises esmiuçadas realizadas por Berta Ribeiro.

Outrossim, a atenção despendida às tecnologias percíveis refletia a percepção que Berta Ribeiro tinha sobre a centralidade dos materiais de origem vegetal para os povos indígenas. Como dito, isso esteve presente desde seu doutorado (Ribeiro, 1980) e até sua última obra publicada, em que consta a ideia de “plantas artesanais” (Ribeiro, 1995). De acordo com suas próprias palavras:

Desconhecendo o uso de metais, os índios do Brasil, à parte a cerâmica e a plumária — esta última montada em suportes de origem vegetal — bem como um instrumental de pedra, osso, concha e dentes para a manipulação da matéria-prima, as técnicas de subsistência e para adorno, fizeram uso, **primordialmente, de materiais de origem vegetal:** madeiras, embiras, cipós, palhas, fibras, resinas, vernizes, óleos, nozes, curcubitáceas, como matérias-primas de suas casas, canoas e artefatos (Ribeiro, 1989, p. 34, grifo nosso).

Sua dedicação aos trançados, inclusive, a fez perceber por intermédio dos próprios indígenas a existência de referências dessa tecnologia nos duráveis petróglifos presentes em cachoeiras do rio Uaupés, seja por meio de gravuras correspondentes a grafismos executados geralmente nos trançados, seja por desenhos de balaios, em que “os cesteiros costumam passar a mão nessa inscrição rupestre para aperfeiçoarem-se no seu ofício” (Ribeiro, 1995, p. 94).

Por fim, é importante destacar que as tecnologias indígenas, apesar de envolverem, majoritariamente, materiais percíveis, eram consideradas por Berta Ribeiro um meio de resistência:

Tudo leva a crer que a preservação do artesanato indígena venha a ser uma das últimas formas de resistência da identidade étnica. A personalização da figura humana, através da pintura corporal, dos adornos corporais, está obsoletando. [...] A língua, perdida para inúmeras tribos, dificilmente será recuperada. Restará o artesanato, os ritos que ele comparece e poucos outros elementos culturais como elos de união e de resistência tribal (Ribeiro, 1989, p. 130).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A perspectiva de Berta Ribeiro de estudar a cultura material em termos diacrônicos e na dimensão tecnológica, assim como seu interesse pela compreensão da história dos povos indígenas, coaduna-se com as pesquisas que vêm sendo desenvolvidas no âmbito da arqueologia brasileira, especialmente no âmbito dos estudos que veem a arqueologia como história indígena, na longa duração (p.ex. Eremites De Oliveira, 1996; Kater; Lopes, 2021; Noelli, 1993).

Como bem observado por Demarchi (2018, p. 11), os trabalhos de Berta Ribeiro elevaram os estudos de cultura material para o mesmo “patamar de importância de outros temas historicamente privilegiados pela etnologia ameríndia (e pela antropologia de modo geral), como o parentesco, a organização social e a religião”. Neste ínterim, foi de extrema importância o diálogo de Berta Ribeiro com a arqueologia. O seu empenho em escrever diretamente para os praticantes de arqueologia (Ribeiro, 1990) a fez reunir informações e refletir sobre diferentes aspectos relativos ao tema da materialidade e, dentre esses, da relacionalidade dos povos indígenas com as plantas.

A obra de Berta Ribeiro deixa evidente a necessidade de se considerar a interação dos humanos com os materiais e com os outros-que-humanos, de forma holística. Suas preocupações já indicavam a necessidade de olharmos para os materiais orgânicos não apenas como fontes de alimentos, mas como elementos fundamentais nas tecnologias perecíveis, visto que a cultura material feita a partir de materiais orgânicos está presente em todos os aspectos da vivência humana (p.ex. Hurcombe, 2014; Rodrigues, Costa; Silva, 2021). Isso, por sua vez, reforça a necessidade de a arqueologia brasileira, diante de seus desafios de trabalhar na região tropical, ampliar o seu universo de dados, se aprofundando em estudos zooarqueológicos e arqueobotânicos (p.ex. Medeiros da Silva *et al.*, 2021), reforçando os estudos de coleções etnográficas e a reflexão sobre a noção de estilo tecnológico (p.ex. Gaspar; Rodrigues, 2020) e continuar dialogando com as abordagens da ecologia histórica (p.ex. Balée, 1987; Balée, 2013; Clement *et al.* 2015).

Finalmente, pode-se dizer que o legado de Berta Ribeiro nos possibilita compreender, em ricos detalhes, que as tecnologias dos povos originários das Américas favorecem um desenvolvimento ecológico sustentável. Conforme apontou em suas últimas publicações, a humanidade possui uma grande dívida para com o vasto conhecimento vegetal dos povos indígenas, na medida em que ele proporciona “modelos alternativos de desenvolvimento ecologicamente válidos e socialmente responsáveis para os atuais impasses provocados pela ocupação devastadora de imensas regiões, principalmente, na Amazônia” (Ribeiro, 1993, p.121). Afinal de contas, “índios e caboclos criaram mecanismos de autocontenção para protegê-la e preservá-la. [...]. O atrasado, o retrógrado é, por exemplo, transformar em capim a floresta amazônica” (Ribeiro, 1995, p. 238). As tecnologias perecíveis são, portanto, e antes de mais nada, tecnologias de manutenção, construção e transformação de florestas. É preciso perecer para renovar, atualizar, reviver e permanecer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU e SOUZA, Rafael. (2015). Globalização, consumo e diacronia: populações sertanejas sob a ótica arqueológica. Belo Horizonte: *Vestígios*, Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica, v.9, n.2, p.38-62.
- ADOVASIO, James. (1977). *Basketry Technology*. Chicago: Aldine Publishing Company.
- ALVES, Marcony Lopes. (2020). Revisitando os alter egos: figuras sobrepostas na iconografia Konduri e sua relação com o xamanismo. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Ciências Humanas. Belém, v.15, n.3.
- BALÉE, William. (1987). Cultural forests of the Amazon. *Garden*, v.11, n.6, p.12-14.
- BALÉE, William. (2013). *Cultural Forests of the Amazon: A Historical Ecology of People and their Landscapes*. Tuscaloosa: University of Alabama Press.
- BARRETO, Cristiana. (1999). Arqueologia brasileira: uma perspectiva histórica e comparada. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. Anais da I Reunião Internacional de Teoria Arqueológica na América do Sul. São Paulo, Suplemento 3, p.201-212.
- BARRETO, Cristiana. (2014). Modos de figurar o corpo na Amazônia pré-colonial. In: ROSTAIN, Stéphen (ed.). *Antes de Orellana: Actas del 3er Encuentro Internacional de Arqueología Amazónica*. Quito: Instituto Francés de Estudios Andinos, v.1. p.123-132.
- BEZERRA, Márcia. (2017). *Teto e Afeto*. Sobre as pessoas, as coisas e a arqueologia na Amazônia. Belém: GKNORONHA.
- BINFORD, Lewis R. (1978). *Nunamiut Ethnoarchaeology*. New York: Academic Press.
- BIRD, Junius B. (1979). Héta weaving. In: KOZAK, Wladimir; BAXTER, David; WILLIAMSON, Laila; CARNEIRO, Robert. (Ed.s). *The Héta Indians: fish in a dry pond*.

Anthropological Papers of the American Museum of Natural History. New York, v. 55, part 6, p.425-434.

BROCHADO, José. P. (1984). *An ecological model of the spread of pottery and agriculture into Eastern South America*. 574f. Tese de Doutorado em Antropologia - University of Illinois, Urbana-Champaign.

CABRAL DE OLIVEIRA, Joana. (2012). *Entre Plantas e Palavras: modos de constituição de saberes entre os Wajãpi (AP)*. 282f. Tese de Doutorado em Antropologia Social – USP, São Paulo.

CARDOSO de OLIVEIRA, Roberto. (1988). O que é isso que chamamos de antropologia brasileira? In: CARDOSO de OLIVEIRA, Roberto. *Sobre o Pensamento Antropológico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. p.109-128.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. (Org.). (1992). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Cia das Letras/Fapesp/SMC-SP.

CAROMANO, Caroline Fernandes. (2018). *Botando Lenha na Fogueira: Um estudo etnoarqueológico do fogo na Amazônia*. 296f. Tese de Doutorado em Arqueologia – USP, São Paulo.

CASCON, Leandro M. (2017). *Indo à Raiz da Questão: repensando o papel de plantas cultivadas no passado Amazônico através da etnoarqueologia entre os Asurini do Rio Xingu*. 411f. Tese de Doutorado em Arqueologia – USP, São Paulo.

CASCON, Leandro M.; MURRIETA, R.S.S.; SILVA, F.A. (2022). Cultivando Afetos: uma etnoarqueologia de plantas alimentícias entre os Asurini do Xingu. *Habitus*, Goiânia, v.20, n.2, p.511-535.

CHMYZ, Igor (ed.). (1966). Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica. *Manuais de Arqueologia*. Curitiba: Centro de Ensino e Pesquisa Arqueológica, v.1, n.1.

CLEMENT, C.R.; DENEVAN, W.M.; HECKENBERGER, M.J.; JUNQUEIRA, A.B; NEVES, E.G.; TEIXEIRA, W.G.; WOODS, W. (2015). The domestication of Amazonia before European conquest. *Proceedings B, The Royal Society*, v.282, n.1812.

COELHO DOS SANTOS, Silvio. (1997). Notas sobre a construção da antropologia no Brasil. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v.3, n.7, p.62-69.

CORRÊA, Mariza. (1997). Dona Heloisa e a pesquisa de campo. *Revista de Antropologia*. São Paulo, v.40, n.1, p.11-54.

DEETZ, James. (1967). *Invitation to Archaeology*. New York: The Nat. History Press.

DEMARCHI, André. (2018) Berta Ribeiro, antropóloga do futuro. IN: DEMARCHI, A.; BRICE, M.; CLETO, M.D.S. (Orgs.), *Prêmio Escritas Sociais: diversidades culturais*. Porto Nacional: E. da galera. p.9-15.

DIAS, Adriana Schmidt; SILVA, Fabíola Andréa. (2001). Sistema tecnológico e estilo: as implicações desta inter-relação no estudo das indústrias líticas do sul do Brasil. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. São Paulo, n.11, p.95-108.

EREMITES DE OLIVEIRA, Jorge. (1996). *Guató - Argonautas do Pantanal*. Porto Alegre: Edipucrs.

FAUSTO, Carlos. (2000). *Os Índios antes do Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

- FERREIRA, Lucio M. (2006). Ciência nômade: o IHGB e as viagens científicas no Brasil imperial. *Manguinhos. História, Ciências, Saúde*, v.13, n.2, p.271-292.
- FERREIRA, Lucio M. (2009). "Ordenar o caos": Emílio Goeldi e a arqueologia amazônica. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*. Belém, v.4, n.1, p.71-94.
- FERREIRA, Lucio M. (2010). *Território primitivo: a institucionalização da arqueologia no Brasil (1870-1917)*. Porto Alegre: EDIPUC-RS.
- FRANÇA, Bianca L.F.D.C. (2023). "*Uma civilização vegetal*": a contribuição de Berta G. Ribeiro para a antropologia brasileira no século XX. 411f. Tese de Doutorado em História, Política e Bens Culturais – FGV, Rio de Janeiro.
- FRANCHETTO, Bruna; HECKENBERGER, Michael (orgs.). (2001). *Os Povos do Alto Xingu: história e cultura*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- FRIKEL, Protásio. (1973). Os Tiriyo: Seu sistema adaptativo. *Völkerkundliche Abhandlungen des Niedersächsischen Landesmuseums Hannover*. Hannover: Kommissionsverlag Müsnstermann-Druck KG.
- GALVÃO, Eduardo. (1960). Áreas culturais indígenas do Brasil, 1900-1959. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, nova série, Antropologia*, Belém, n.8.
- GARDIN, Jean-Claude. (1958). Four codes for the description of artifacts: an essay in archaeological technique and theory. *American Anthropologist*, v.60, n.2. p.335-357.
- GASPAR, Meliam Viganó; RODRIGUES, Igor Morais Mariano. (2020). Coleções etnográficas e Arqueologia: uma relação pouco explorada. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências Humanas*. Belém, v.15, n.1.
- GOMES, Denise M.C. (2012). Perspectivismo ameríndio e a ideia de uma estética americana. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*. Belém, v.7, n.1, p.133-159.
- GOMES, Denise M.C. (2016). O lugar dos grafismos e das representações na arte pré-colonial amazônica. *Mana*. Rio de Janeiro, v.22, n.3, p.671-703.
- HARTMANN, Thekla. (1976). Cultura material e etnohistoria. *Revista do Museu Paulista*, v.23, p.175-197.
- HIGGS, Eric; VITA-FINZI, Claudio (1972). Prehistoric economics: a territorial approach. In: HIGGS, Eric (ed.). *Papers in Economic Prehistory*. Cambridge: Cambridge University Press. p.27-36.
- HURCOMBE, Linda. (2014). *Perishable Material Culture in Prehistory: investigating the missing majority*. London/New York: Routledge.
- JOLIE, E.A.; MCBRINN, M.E. (2010). Retrieving the perishable past: experimentation in fiber artifact studies. IN: FERGUSON, J.R. (Ed.). *Designing experimental research in archaeology: examining technology through production and use*. Boulder, CO: University Press of Colorado. p.153-193.
- KATER, Thiago; LOPES, Rafael de A. (2021). Braudel nas Terras Baixas: caminhos da Arqueologia na construção de Histórias Indígenas de longa duração. *Revista de História*, n.180, p.1-35.

- KEULLER, Adriana T. do A.M. (2012). *Os Estudos Físicos de Antropologia no Museu Nacional do Rio de Janeiro: cientistas, objetos, ideias e instrumentos (1876-1939)*. São Paulo: Humanitas.
- LATHRAP, Donald W. (1975). *O alto Amazonas*. Lisboa: Ed. Verbo.
- LECHTMAN, Heather. (1977). Style in technology - some early thoughts. In: LECHTMAN, H.; MERRILL, R.S. (Eds.). *Material Culture: styles, organization, and dynamics of technology*. St Paul: West Publishing. p.3-20.
- LEMONNIER, Pierre. (1992). *Elements for an Anthropology of Technology*. Museum of Anthropological Research (88). Michigan: University of Michigan.
- LEROI-GOURHAN, André. (1971 [1943]). *Evolução e técnicas: I- O Homem e a Matéria*. Lisboa: edições 70.
- LIMA, Tânia A. (1986). Cerâmica Indígena Brasileira. IN: RIBEIRO, Darcy (Ed.). *Suma Etnológica Brasileira*. Vol. 2, Tecnologia Indígena. Petrópolis: Vozes. p.172-229.
- MASSARO, Tatiana. (2023). Berta Ribeiro: enlace de saberes, plantas e antropologia. *Mana*, v.29, n.2, p.e2023022.
- MEDEIROS DA SILVA, Francini; SHOCK, M.P.; CARNEIRO, G.P.; SILVA, L.A.D.; SILVA, E.G.D.; COSTA, E.H.D S.; PY-DANIEL, A.R.; WATLING, J. (2021). Flautas, banhas e caxiris: os gestos e os materiais perecíveis do passado resgatados no presente. *Revista de Arqueologia*. [S.l.], v.34, n.3., p.255–282.
- MEGGERS, Betty (Org.). (1992). *Prehistoria Sudamericana: nuevas perspectivas*. Washington: Taraxacum.
- MEGGERS, Betty; EVANS, Clifford. (1970). *Como interpretar a linguagem da cerâmica: manual para arqueólogos*. Washington, D.C.: Smithsonian Institution.
- MELATTI, Julio C. (1984). A antropologia no Brasil: um roteiro. *Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais (BIB)*, v.17, p.1-92.
- MILLER, Tom. (1978). Tecnologia Cerâmica dos Kaingang Paulista. *Arquivos do Museu Paranaense*, nova série, Etnologia, Curitiba, v.2, p.3-51.
- MORIM DE LIMA, Ana Gabriela. (2017). A cultura da batata-doce: cultivo, parentesco e ritual entre os Krahô. *Mana*, v.23, n.2, p.455-490.
- MÜLLER, Regina A.P.; VIDAL, Lux. (1986). Pintura e Adornos Corporais. IN: RIBEIRO, Darcy (Ed.). *Suma Etnológica Brasileira*. Vol. 3, Arte Índia. Petrópolis: Vozes. p.119-148.
- NEWTON, Dolores. (1981). The individual in ethnographic collections. *Annals of the New York academy of sciences*, v.376, n.1, p.267-287.
- NOELLI, Francisco (1993). *Sem tekohá não há tekó: em busca de um modelo etnoarqueológico da aldeia e da subsistência Guarani e sua aplicação a uma área de domínio no delta do rio Jacuí, RS*. 611f. Dissertação de Mestrado em História – PUC-RS, Porto Alegre.
- PAROKUMU, Umúsin; KENHÍRI, Tolamã. (1980). *Antes o mundo não existia - A mitologia heróica dos índios Desâna*. São Paulo: Cultura.
- PESSIS, Anne-Marie; GUIDON, Niède. (1992). Registros rupestres e caracterização das etnias pré-históricas. IN: VIDAL, Lux (Org.), *Grafismo indígena*. São Paulo: Studio Nobel/Fapesp/Edusp. p.19-23.

- POUGET, Frederic M.C. (2010). *Práticas Arqueológicas e Alteridades Indígenas*. 131f. Dissertação de Mestrado em Arqueologia – USP, São Paulo.
- RAMOS, Alcida R.; CAYÓN, Luis. (2014). Apresentação. *Anuário Antropológico*. Brasília, v.39, n.2, p.9-11.
- REEDY, Chandra L.; REEDY, Terry J. (1994). Relating visual and technological styles in Tibetan sculpture analysis. *World Archaeology*, v.25, n.3, p.304-320.
- RIBEIRO, Berta G. (1984/85). Tecelãs tupi do Xingu. *Revista de Antropologia*. São Paulo. v. 27/28, p.355-402.
- RIBEIRO, Berta G. (1957). Bases para uma classificação dos adornos plumários dos índios do Brasil. *Arquivos do Museu Nacional*, v.43, p.59-128.
- RIBEIRO, Berta G. (1980). *A civilização da palha: a arte do trançado dos índios do Brasil*. 590f. Tese de Doutorado em Antropologia Social - USP, São Paulo.
- RIBEIRO, Berta G. (1982). A oleira e a tecelã: o papel social da mulher na sociedade Asurini. *Revista de Antropologia*, v.25, p.25-61.
- RIBEIRO, Berta G. (1985a). *A arte do trançado dos índios do Brasil*. Um estudo taxonômico. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi; Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Folclore.
- RIBEIRO, Berta G. (1985b). Os estudos de cultura material: propósitos e métodos. *Revista do Museu Paulista*. São Paulo, v.30, p.13-41.
- RIBEIRO, Berta G. (1986a). Artes têxteis indígenas do Brasil. IN: RIBEIRO, Darcy (Ed.). *Suma Etnológica Brasileira*. Vol. 2, Tecnologia Indígena. Petrópolis: Vozes. p.351-389.
- RIBEIRO, Berta G. (1986b). A arte de trançar: dois macroestilos, dois modos de vida. IN: RIBEIRO, Darcy (Ed.). *Suma Etnológica Brasileira*. Vol. 2, Tecnologia Indígena. Petrópolis: Vozes. p.283-313.
- RIBEIRO, Berta G. (1986c). A Linguagem Simbólica da Cultura Material” IN: RIBEIRO, Darcy (Ed.). *Suma Etnológica Brasileira*. Vol. 3, Arte Índia. Petrópolis: Vozes. p.15-28.
- RIBEIRO, Berta G. (1986d). Glossário dos trançados. IN: RIBEIRO, Darcy (Ed.). *Suma Etnológica Brasileira*. Vol. 2, Tecnologia Indígena. Petrópolis: Vozes. p.314-321.
- RIBEIRO, Berta G. (1988). *Dicionário do Artesanato Indígena*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia/EDUSP.
- RIBEIRO, Berta G. (1989). *Arte indígena, linguagem visual*. Belo Horizonte: Itatiaia.
- RIBEIRO, Berta G. (1990). Perspectivas etnológicas para arqueólogos (1957-1988). *BIB-Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, n.29, p.17-77.
- RIBEIRO, Berta G. (1992). A mitologia pictórica dos Desâna. IN: VIDAL, Lux (Org.). *Grafismo indígena*. São Paulo: Studio Nobel/Fapesp/Edusp, p.35-52
- RIBEIRO, Berta G. (1993) Ao vencedor, as batatas. *Carta': falas, reflexões, memórias/informe de distribuição restrita do Senador Darcy Ribeiro*. Brasília: Gabinete do Senador Darcy Ribeiro, n.9, p.113-121.
- RIBEIRO, Berta G. (1995). *Os índios das águas pretas: modo de produção e equipamento produtivo*. São Paulo: Edusp/Companhia das Letras.

- RIBEIRO, Berta G.; VELTHEM, Lucia H. van. (1992). Coleções etnográficas: documentos materiais para a história indígena e a etnologia. In: CARNEIRO DA CUNHA, M. (Org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Cia das Letras/Fapesp/SMC-SP. p.103-112.
- RIBEIRO, Darcy (Ed.). (1986). *Suma Etnológica Brasileira*. Edição atualizada do *Handbook of South American Indians*. Vol. I: *Etnobiologia*, 300 p.; Vol. II: *Tecnologia Indígena*, 448 p.; Vol. III: *Arte índia*. 300p. Coordenado por Berta G. Ribeiro, Petrópolis: Vozes/Finep.
- RIBEIRO, Darcy; RIBEIRO, Berta G. (1957). *Arte Plumaria dos índios Kaapor*. Rio de Janeiro: Seikel.
- RODRIGUES, Igor Morais Mariano. (2011). *Fora Das Grandes Aldeias: A ocupação do recôndito sítio Vereda III*. 313f. Dissertação de Mestrado em Antropologia – UFMG, Belo Horizonte.
- RODRIGUES, Igor Morais Mariano. (2014). O Sítio Vereda III: uma ocupação de grupos ceramistas e horticultores fora das grandes aldeias. *Arquivos do Museu de História Natural*, Belo Horizonte, v.23, n.2, p.15-65.
- RODRIGUES, Igor Morais Mariano. (2020). Por uma etnoarqueologia dos trançados ameríndios. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. São Paulo, v.34, p.87-110.
- RODRIGUES, Igor Morais Mariano. (2021). Corpos que emergem: vegetais trançados e sua persistência entre os povos do rio Mapuera. *Revista de Arqueologia*, [S.l.], v.34, n.3, p.146-177.
- RODRIGUES, Igor Morais Mariano. (2022). *Tramas da Tecnologia: etnoarqueologia da variabilidade dos trançados dos povos do Mapuera*. 593f. Tese de Doutorado em Arqueologia – USP, São Paulo.
- RODRIGUES, Igor Morais Mariano; COSTA, Rodrigo Lessa; SILVA, Fabíola Andréa. (2021). Perspectivas arqueológicas e etnográficas sobre tecnologias perecíveis: uma introdução. *Revista de Arqueologia*, [S. l.], v.34, n.3, p.3–14.
- RODRIGUES, Igor Morais Mariano; GASPARG, Meliam Viganó. (2020). Tecnologias de trançados e cerâmicas dos Wai Wai em coleções etnográficas. *Indiana*, Berlim, v.37, n.2, p.171-203.
- RODRIGUES, Igor Morais Mariano; WAI WAI, Jaime Xamen. (2024). Coleções Históricas e Arqueologia: narrativas wai wai do passado recente. In: HISSA, Sarah de B.V.; PY-DANIEL, Anne R.; JÁCOME, Camila P. (Orgs.). *Arqueologias históricas nos rios Tapajós, Trombetas e Amazonas*. Curitiba: Appris. p.232-304.
- SCARAMUZZI, Igor. (2020). Os modos de vida, criação e reprodução das florestas de castanhais no Alto Trombetas, Oriximiná (PA). In: CABRAL DE OLIVEIRA, Joana; AMOROSO, Marta; MORIM DE LIMA, Ana Gabriela; SHIRATORI, Karen; MARRAS, Stelio; EMPERAIRE, Laure (Orgs.). *Vozes vegetais: diversidade, resistências e histórias da floresta*. São Paulo: Ubu editora/IRD, 2020. p.266-282.
- SCHWARCZ, Lilian. (2000). *O Espetáculo das Raças*. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930). São Paulo: Companhia das Letras.
- SEEGER, Anthony. (1980). *Os índios e nós: Estudos sobre sociedades tribais brasileiras*. Rio de Janeiro: Campus.
- SHOCK, Myrtle P.; MORAES, Claide. (2019). A floresta é o domus: a importância das evidências arqueobotânicas e arqueológicas das ocupações humanas amazônicas na

transição Pleistoceno/Holoceno. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*. Belém, v.14, n.12, p.263-289.

SILVA, Fabíola Andréa. (2000). *As Tecnologias e seus Significados. Um estudo da cerâmica dos Asurini do Xingu e da cestaria dos Kayapó-Xikrin sob uma perspectiva etnoarqueológica*. 265f. Tese de Doutorado em Antropologia - USP, São Paulo.

SILVA, Fabíola Andréa. (2007). O significado da variabilidade artefactual: a cerâmica dos Asurini do Xingu e a plumária dos Kayapó-Xikrin do Cateté. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v.2, n.1, p.91-103.

SILVA, Fabíola Andréa (2009). A variabilidade dos trançados dos Asurini do Xingu. *Revista de Arqueologia*, Rio de Janeiro, v.22, n.2, p.17-34.

SILVA, Fabíola Andréa (2011). A tecnologia da cestaria entre os Xikrin-Kayapó. In: SILVA, Fabíola Andréa; GORDON, Cesar (org.); SOUZA e SILVA, Wagner (fotografias), *Xikrin. Uma coleção etnográfica*. São Paulo: Edusp. p.173-206.

SILVA, Fabíola Andréa (2024). *Etnografando a Arqueologia*. Dado etnográfico, prática etnográfica e conhecimento arqueológico. Museu de Arqueologia e Etnologia. Universidade de São Paulo (e-book).

SILVA, Fabíola Andréa. (2019). Ceramic Production Technology among the Asurini of Xingu: Technical Choices, Transformations and Enchantment. *Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology*, v. 16, e16601.

SILVA, Fabíola Andréa. (2021). Tavyva a casa comunal do povo Asurini do Xingu. *Revista de Arqueologia*, [S.l.], v.34, n.3, p. 15-44.

SILVA, Fabíola Andréa; NOELLI, Francisco S. (2015). Mobility and territorial occupation of the Asurini do Xingu, Pará, Brazil: an archaeology of the recent past in the Amazon. *Latin American Antiquity*, v.26, n.4, p.493-511.

SILVA, Lucas A.da. (2019). A fluidez das relações materiais: uma arqueologia com os pés na água. *Revista de Arqueologia*, v.32, n.1, p.108-128.

SOUZA, Vanderlei S. (2016). Ciência e miscigenação racial no início do século XX: debates e controvérsias de Edgard Roquette-Pinto com a antropologia física norte-americana. *Manguinhos, História, Ciências, Saúde*, v.23, n.3, p.597-614.

STONE, Elisabeth A. (2011). The role of ethnographic museum collections in understanding bone tool use. IN: BARON, J.; KUFEL-DIAKOWSKA, B. (Eds.). *Written in bones: studies on technological and social contexts of past faunal skeletal remains*. Wrocław: Uniwersytet Wrocławski. p.25-37.

TAVEIRA, Edna L.M. (1982). *Etnografia da cesta Karajá*. Goiânia: Ed. da UFG.

VELTHEM, Lucia H.V. (1975). Plumária Tukano. *Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi*, nova série, Antropologia. Belém, v. 57.

VELTHEM, Lucia H.V. (1997). Berta Ribeiro (1924-1997). *Anuário Antropológico*, v.22, n.1, p.365-372.

VELTHEM, Lucia H.V. (1998). *A Pele de Tuluperê*. Belém: Museu Paraense Emilio Goeldi.

VIDAL, Lux (Org.). (1992). *Grafismo indígena*. São Paulo: Studio Nobel/Fapesp/Edusp.

WATLING, Jennifer; SHOCK, Myrtle P.; MONGELÓ, G.Z.; ALMEIDA, F.O., KATER, T., DE OLIVEIRA, P.E.; Neves, E.G. (2018). Direct archaeological evidence for Southwestern Amazonia as an early plant domestication and food production centre. *Plos one*, v.13, n.7, e0199868.

WEBSTER, Laurie D. (2011). Perishable ritual artifacts at the West Ruin of Aztec, New Mexico: evidence for a Chacoan migration. *Kiva*, v.77, n.2, p.139-171.

WILLEY, Gordon. (1949). Ceramics. In: STEWARD, J.H. (ed.). *Handbook of South American Indians*, v. 5. Washington: Smithsonian Institution, p.139-204.

WÜST, Irmhild. (1983). *Aspectos da ocupação pré-colonial em uma área do Mato Grosso de Goiás: tentativa de análise espacial*. 408f. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social - USP, São Paulo.

WÜST, Irmhild. (1991). *Continuidade e Mudança: Para uma Interpretação dos Grupos Pré-Coloniais da Bacia do Rio Vermelho, Mato Grosso*. 505f. Tese de Doutorado em Antropologia Social – USP, São Paulo.

Igor Morais Mariano Rodrigues

Doutor em Arqueologia, professor no curso de Bacharelado em Arqueologia da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa).

Fabíola Andréa Silva

Doutora em Antropologia Social, professora no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (USP).